

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 15

Rituais e Cerimónias



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1993

ACTIVIDADE CIENTÍFICA

APRESENTAÇÃO DA *HISTÓRIA DA EUROPA* "ESCRITA POR 12 HISTORIADORES EUROPEUS"

Em 30 de Junho de 1993, simbolicamente no claustro do mosteiro dos Jerónimos e com a presença (entre outras personalidades) do Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, e do Senhor Sub-Secretário de Estado da Cultura, foi apresentada a *História da Europa* "escrita por doze historiadores europeus". Publicada pela iniciativa da editorial Hachette de Paris, foi traduzida em várias línguas. Coube à editora Minerva, de Coimbra, a tarefa de a publicar em Portugal.

Na ocasião, Luís Reis Torgal proferiu algumas palavras de apresentação, tendo como base o texto seguinte:

1. *Convite ao debate*

Não é fácil apresentar uma *História da Europa* "escrita por doze historiadores europeus", nesta bela iniciativa do Dr. Frédéric Delouche, sem uma leitura profunda e crítica, em que se avalie o seu plano básico, a correcção das análises (na sua diversidade), a metodologia ou as metodologias utilizadas, e as selecções que foram feitas, já que a *História* supõe sempre a arte da "escolha" e esta é necessariamente redutora.

Tratando-se mesmo de uma obra dirigida sobretudo a um público em idade escolar — estamos perante a primeira hipótese de um "euromanual", no dizer do Editor — a questão toma-se ainda mais complexa, pois o grau de exigência desse tipo de leitor, em termos de comunicação, é ainda maior.

Espero pois — e é esta a minha primeira nota de reflexão — que uma *História da Europa* deste género sugira um debate cultural e nacional, porque Portugal está carente de verdadeiros debates nacionais e culturais.

2. *A importância de um debate*

A propósito da Europa deixem-me que cite esse genial ensaísta que eu chamo ao mesmo tempo regional e nacional (por nunca ter perdido o sentido telúrico do lugar que o viu nascer), europeu e universal (por vivência e por cultura), que é Eduardo Lourenço. Num dos seus notáveis textos de 1989, onde um certo mistério e ambiguidade nos levam constantemente a interrogar-nos, escrevia:

"Parodiando a célebre apostrofe de Sieyès a respeito do Terceiro Estado podíamos interrogar-nos: o que é a Europa? Enquanto realidade política, quase nada, enquanto realidade cultural, quase tudo. Mas a fórmula podia inverter-se: enquanto realidade política alguma coisa, enquanto realidade cultural, quase nada. Neste último caso, a fórmula supõe um acrescento: é enquanto 'realidade cultural', comunitariamente participada, que a Europa é (ainda) pouca coisa" ("Da Europa como cultura", *Finisterra*, nº 2, Primavera, 1989).

É claro que este texto já data de há cerca de quatro anos e já se deram com certeza alguns passos no sentido de reforçar essa realidade cultural comunitária. Pelo menos o Tratado de Maastricht teve o condão de dinamizar polémicas que levaram à discussão de vários problemas, inclusivamente de carácter cultural e mesmo histórico. Mas o certo é que o pragmatismo continua a envolver a discussão dos problemas da Europa

E, na verdade, é na sua perspectiva cultural que ela se entende como um *ideal*. É, com efeito, uma velha aspiração pensar a Europa como um espaço unido, um espaço na paz e na democracia, cujos valores assentam tanto nas filosofias e no direito dos mundos grego e romano, como na moral e na orgânica social do Cristianismo da Idade Média, como na liberdade religiosa para que se começa a apelar no século XVI, como na abertura cultural do encontro de povos, em que Portugal teve um papel singular, como no jusnaturalismo que avança no século XVII e que vai assumir as mais variadas colorações (de tipo religioso, económico, social, político e jurídico), como no racionalismo das Luzes, como nas revoluções liberais e socialistas, como no pacifismo e nas preocupações ecologistas do nosso tempo, como até no pragmatismo comunitário do pós guerra... Os valores da Europa e do mundo são múltiplos e complexos, coados pelos mais nobres ideais, dos intelectuais inorgânicos e dos lutadores, de utopistas como de políticos práticos. De Dubois, de Erasmo, do abade de Saint-Pierre, de Mazzinni, de Proudhon, de Marx, de Henriques Nogueira, de Antero, de Lemonier, de Luís Einaudi, de Kalergi, de João XXIII, de Jean Monet ou dos estadistas do nosso tempo.

Mas ao estudarmos a Europa — e isso é evidente na obra que agora apresentamos — não devemos estar (como diz Frédéric Delouche no seu Prefácio) a fazer a "propaganda" da Europa, mas a tentar *compreendê-la*. E a

compreensão passa pelo conhecimento dos valores "construtivos" da Europa, mas também pelos valores "destrutivos", que conduziram às guerras e às intolerâncias de toda a espécie. Sim, porque a Europa não pode ser vista apenas como um centro de ideais e de virtudes, mas, quando muito, como um centro de aspirações a esses ideais e a essas virtudes, que deixarão de o ser desde que encarados como ideais e virtudes exclusivas da Europa, da Europa dos doze ou mesmo da Europa de todos os países europeus, e que percam de vista os valores regionais e universais.

Ora, julgo que esta obra, com todas as qualidades e com os seus naturais defeitos, procurou evitar um reducionismo europeísta. Se a história não é isenta de ideologia — assim o procurei provar no meu livro *História e Ideologia* — não pode pautar-se por "ideologismos", que a transformem num meio de propaganda. Esta obra terá, pois, contribuído e irá contribuir para um conhecimento objectivo e crítico da realidade europeia.

3. *Portugal e a Europa e... as "Histórias da Europa"*

Desejava terminar, falando um pouco de Portugal e da Europa e... das "Histórias da Europa"

A razão por que me encontro aqui e o motivo por que ela foi escrita, na sua colaboração portuguesa, pelo Dr. António Simões Rodrigues, deve-se em boa parte a esse grande historiador e dinamizador da historiografia portuguesa que é o Prof. José Mattoso. Tendo sido contactado para nela participar, sugeri-me um dia, em Coja, que assumisse eu essa incumbência. A direcção da sua *História de Portugal* não lhe possibilitava distribuir-se por mais esta tarefa. Mas, pela minha parte, também já comprometido com a coordenação do volume V dessa *História de Portugal*, mas ainda porque me apercebi da filosofia da obra, entendi que, pela sua natureza, deveria ser antes entregue a um didacta, alguém que, para além de conhecer a História — e o Dr. António Simões Rodrigues é um professor constantemente actualizado, que fez do ensino uma actividade científica — conhecesse melhor do que eu, pela sua experiência de ensino secundário, a arte de comunicar com um público leitor adolescente ou pelo menos não especialista. E, assim, o seu trabalho aí está, não por certo isento de críticas, mas um trabalho digno e honesto, como é seu timbre, quando assume quaisquer compromissos.

Não sou, pois, um especialista de História da Europa, mas um historiador interessado no seu estudo e, como cidadão, o que se pode chamar um europeísta crítico, que, se não acredita nas panaceias da Comunidade Europeia, entende ser um dever participar num velho projecto que aponta para um novo caminho de colaboração entre os povos, para a concretização da ideia de uma Europa das Nações e de uma Europa dos cidadãos. A este propósito, permita-me Vossa Ex.ª, Senhor Presidente da República, que lhe preste a minha humilde homenagem, porque a sua concepção de militante político e a sua acção de Estado sempre apontou para uma ideia de Europa cultural, afastada do frio pragmatismo que caracteriza a noção infelizmente vulgarizada de "Europa", que faz dela, na imagem pública, uma simples construtora de estradas e uma financiadora de empresas.

Torna-se também interessante salientar que esta é em Portugal a segunda "História da Europa" aqui publicada com colaboração portuguesa. Existem, porém, diferenças profundas entre as duas obras e os contextos em que se inserem, já que a primeira foi escrita durante o longo consulado de Salazar.

Como é conhecido, os salazaristas, assim como todos os tradicionalistas, mais ou menos fascizantes, tiveram da Europa uma ideia "trágica" (recorde-se o título da obra de Gonzague de Reynold, de tão larga influência em Portugal, *L'Europe Tragique*), entendendo como tal não a Europa avassalada pelo perigo do nazismo e dos fascismos, mas pelo *perigo do comunismo e das democracias*. E isto não apenas antes da guerra — em 21 de Fevereiro de 1936, num discurso proferido numa das salas de São Bento, Salazar já criticava a "fantasia" dos Estados Unidos da Europa e em vários outros discursos mostrava, sem dúvida, acreditar numa "revolução necessária" (para empregar as palavras do historiador orgânico do regime João Ameal), isto é, a transformação dos estados, com a sua originalidade própria, numa "terceira via", corporativista e autoritária, anticomunista e antidemocrática. Mas, mesmo depois da guerra, altura em que essa esperança se esvaía de todo com a vitória dos aliados, Salazar mantinha-se fiel ao seu ideário: num discurso de 7 de Outubro de 1945, falava já de um "recuo" ou de um "retrocesso" do "pensamento político europeu", abalado pelo "vento da democracia". Era esse um dos "*fantasmas*" da Europa de que falava João Ameal nesse mesmo ano (*A Europa e os seus fantasmas*, 1945). E foi esse espírito que, apesar das tentativas de erguer uma ideia de Europa como um vago património espiritual, assente nos valores da civilização medieval e tomista, com repúdio das ideias liberais da Revolução Francesa, da democracia e do socialismo, do modernismo e do racionalismo e... da descolonização, nos levou à situação de "orgulhosamente sós", paradigma expresso no texto do famoso discurso de Salazar de 18 de Fevereiro de 1965 e que permaneceu como emblema do nosso isolacionismo até Abril de 1974.

Foi nesse contexto que se escreveu uma primeira *História da Europa*, publicada no princípio dos anos 60 e reeditada na década de 80. Foi seu autor João Ameal. Obviamente é uma história marcada pelas grandes linhas da ideologia integralista e salazarista, uma história que considerou como "heresias" os movimentos que vão da Revolução Francesa e do liberalismo, ou mesmo do Renascimento e do Iluminismo, ao comunismo e à democracia. Mas, acima de tudo, trata-se de uma história vista "sob o ângulo português", tendo como objectivo manifesto mostrar o contributo que "Portugal [entendido como farol do Cristianismo] deu à Civilização Ocidental".

A actual *História da Europa*, muito diferente desta, foi escrita por doze historiadores e didactas da História europeus (um francês, Jacques Aldebert, professor honorário do liceu Louis-le-Grand, em Paris; um dinamarquês, Johan Bender, professor no liceu de Aarhus; um checo, Giri Grusa, historiador e embaixador na República Federal da Alemanha; um italiano, Scipione Guarracino, professor do ensino liceal; um belga, Ignace Masson, professor

do liceu de Bruges; um irlandês, Kenneth Milne, director honorário de *Church of Ireland of Education* de Dublin; um grego, Foula Pispiringou, professor do liceu em Atenas; um espanhol, Juan Sanchez y Garcia Saúco, professor universitário; um holandês, Ben Smulders, professor de Didáctica na Universidade de Tilburg; um alemão, Dieter Tiemann, professor na Universidade de Dortmund; um britânico, Robert Unwin, da Universidade de Leeds; e, finalmente, um português, António Simões Rodrigues, professor de Didáctica da História na Universidade de Coimbra. É uma obra inédita elaborada, pois, num contexto diferente da obra de João Ameal.

Portugal está agora na Comunidade Europeia, mantendo, todavia, as suas ligações históricas aos países que colonizou e onde se fala a língua portuguesa. Não se pode esquecer este contributo histórico, de colaboração entre os povos e de interpenetração de culturas, ainda que esse contributo não mais se possa entender numa perspectiva nacionalista e muito menos racista. É algo que a história tem de acentuar, mesmo que também não deva esquecer os rigores do colonialismo, que foi português e europeu. Esta nova *História da Europa*, num capítulo escrito pelo Dr. Simões Rodrigues e em outros redigidos pelos outros autores, não esquece essa situação e analisa-a com a máxima objectividade. E é também em nome dessa objectividade e em função de novas linhas metodológicas e epistemológicas que esta nova *História da Europa* não pretende abater "heresias", nem as invocadas pelo tradicionalismo de João Ameal, nem outras quaisquer. O historiador deve procurar *compreender* a realidade. As ilações éticas a tirar, essas pertencem ao leitor da História.

Espero bem que esta história seja considerada, portanto, com as suas qualidades científicas e didácticas, uma história do nosso tempo — um euromanual. Mas ao apresentador não compete — a meu ver — emitir juízos críticos, favoráveis ou desfavoráveis. Esses serão proferidos pelos leitores e, como disse no início, seria interessante que sobre ela surgisse um debate nacional. Debater a história da Europa poderá afinal contribuir para debater a Europa e julgo que esse debate está em Portugal em grande parte por fazer. E não esqueçamos que, para além dos aspectos práticos, que não podem ser desprezados, a Europa é sobretudo uma realidade cultural. Talvez uma realidade cultural utópica, mas creio sinceramente que só com a utopia poderemos novamente preencher os ideais de que a Europa e o mundo parecem estar carentes.

Assim, cumpriremos o desejo do editor, expresso de forma categórica no prefácio desta edição: "Este livro é também um debate". A História é sempre um debate...